

VITRINE DE CURIOSIDADES

MINIATURA DE DANÇA POPULAR

Tecido, vidro e madeira
A. 31,5 x C. 57,5 x L. 57,5 cm
Séc. XX, c. 1950
MAH.R.2007.0001

As danças e os bailinhos constituem as principais manifestações do Carnaval da ilha Terceira.

As suas origens perdem-se no tempo, mas os investigadores tendem a situá-las e relacioná-las com as formas performativas ligadas à dança e à representação teatral que, na época medieval, caracterizavam o período carnavalesco – danças, chacotas, folias, comédias, farsas, etc. –, e a que estariam habituados os povoadores das ilhas dos Açores. A sua prática ter-se-ia cruzado com costumes de populações vindas de outras paragens, nomeadamente do continente africano.

Quer os argumentos tenham um tema dramático, no caso das danças, quer enredos cómicos, no caso dos bailinhos, ambas as variantes são representações teatrais que incluem a dança e o canto, e cuja performance corresponde a modelos e códigos que Frederico Lopes, em meados do século XX, descreveu assim:

“Uma «Dança» compõe-se sempre de três partes distintas: - A «entrada» ou «saudação» em que se dirigem cumprimentos ao povo; o «assunto», em que é apresentado o argumento da «Dança» e ao qual imediatamente se segue o enredo; e a «despedida», em que se agradece aos espectadores a atenção dispensada aos dançarinos.”

Os dançarinos trajam de igual e apresentam-se em duas filas no centro das quais se forma o espaço de atuação dos restantes intervenientes. Entre os dançarinos podem estar os músicos e os atores, especialmente se se tratar dos bailinhos. Nas danças, é mais frequente os atores e os músicos constituírem grupos distintos, não só porque não incorporam as alas de dançarinos, mas também porque se vestem com o traje de passeio comum.

Papel central tem o puxador ou mestre da dança, que se distingue pelo traje e por um desempenho que exige normalmente um conjunto de competências mais raras: voz para cantar, corpo para dançar, destreza para usar a espada ou o pandeiro e um grande sentido de palco. É com todos ou pelo menos a maior parte destes dons e artes que o mestre vai puxar (comandar) a dança.

As danças e os bailinhos apresentam-se nos quatro dias do Carnaval, desde o sábado gordo à terça-feira de Entrudo, e mobilizam os vários intervenientes num período mais longo de preparação e ensaio que começa, geralmente, após o Natal e o Ano Novo ou até mais cedo, quando o Carnaval é baixo. As relações de amizade e de solidariedade estabelecidas ao longo do processo de organização de uma dança e de um bailinho são de grande importância, na medida em que têm dado lugar à constituição de grupos que se mantêm ativos ao longo de anos e até de décadas, que podem envolver várias gerações de uma ou mais famílias, e que se tornam conhecidos pelas localidades de origem ou pelos nomes dos seus principais organizadores, ou do género como, por exemplo “Bailinho do Porto Martins”, “Dança de António Ivo” ou “Bailinho das Mulheres do Porto Judeu”.

Nas últimas décadas, estas manifestações culturais sofreram adaptações aos modos e condições de vida contemporâneas que, muito embora sejam muito significativas, não alteraram as suas estruturas mais profundas e características, sendo que a grande mudança consistiu na passagem do terreiro para o palco das sociedades recreativas e salões, como espaço de exibição preferencial.

Além da introdução de instrumental e géneros musicais diversos e da participação feminina crescente, o vestuário tem sido um dos aspetos mais modificados, alterando-se mesmo alguns dos antigos códigos do vestuário das danças: calça preta e camisa branca ornamentadas de lantejoilas e galões dourados.

Alguns dados do princípio do século XX apontam no sentido da existência de danças de arcos como aquela que esta miniatura, feita por alunos da escola primária da Ladeira Grande (Ribeirinha - Ilha Terceira) representa, mas este género de dança é pouco conhecido como tradição terceirense. Nesta peça, pertencente à Unidade de Gestão de Etnografia do Museu de Angra do Heroísmo, surgem, contudo, elementos comuns às antigas danças de Carnaval, quer nas figuras – o puxador e o ratão –, quer no traje dos dançarinos – as faixas cruzadas sobre o peito e à cintura e o tipo de cobertura de cabeça que alguns ainda recordam.